

O ORFANATO
DAS PALAVRAS

e outras crônicas

Amostra

Amostra

O ORFANATO
DAS PALAVRAS

e outras crônicas

Gabriel
Chalita

2025



MINOTAURO

O orfanato das palavras e outras crônicas

Copyright © 2025 Almedina Brasil/Minotauro.

Minotauro é um selo da Editora Almedina Brasil do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA).

Copyright © 2025 Gabriel Chalita.

ISBN: 978-65-614-3046-3

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C437o
1.ed.- Chalita, Gabriel.
O orfanato das palavras e outras crônicas /
Rodolfo Ceppas Bastos. - Rio de Janeiro: Minotauro,
2025.
272 p.; 13,7 x 21 cm.
ISBN 978-65-614-3046-3
1. Crônicas brasileiras. 2. Literatura
contemporânea. 3. Emoções e memória. I. Título.
CDD 869.933

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras - 869.933

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Almedina Brasil é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Produtora Editorial: Luna Bolina

Revisão Gramatical: Leandro Menegaz

Diagramação: Roberto Maia

Capa: Rita Motta


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouidoria: ouidoria@altabooks.com.br



alabr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
EDITORES INDEPENDENTES

ASSOCIADO



Editora
afiliada à:

SUMÁRIO

1. O orfanato das palavras.....	9
2. O silêncio das vozes.....	13
3. E, de novo, São João.....	17
4. Quando as palavras falham.....	21
5. Um dia de sol.....	25
6. O despertar romântico.....	29
7. Dia do Amigo.....	33
8. O perdido cemitério.....	36
9. O choro de Deus.....	40
10. É Dia dos Pais, pai.....	44
11. A sujeira dos passos.....	47
12. Herdeiros da vida.....	51
13. Meu irmão gêmeo.....	55
14. O apagador de almas.....	59
15. O apagador de almas - parte 2.....	63
16. O apagador de almas - parte 3.....	66
17. O luto das casas.....	70
18. A carta de minha avó.....	74
19. Os campos bonitos da vida.....	78
20. Silêncio.....	82

21. O tempo da compreensão	86
22. O retrato do retratista.....	89
23. Sobre o Dia da Consciência Negra	93
24. Sua excelência, o tempo	96
25. Um acordar de poesia.....	100
26. O encolhimento da vida.....	104
27. Atenção, substantivo feminino	107
28. O tempo do Natal	111
29. Um novo ano novo.....	114
30. Os guardados da minha irmã.....	117
31. O olhar do meu marido	121
32. O Porto seguro de Manuel	125
33. Um pensamento preguiçoso.....	128
34. Uma saudade carnaval.....	132
35. O desabar das certezas.....	136
36. A machucadura dos meus pés.....	140
37. A viagem das rosas.....	143
38. O Sol de Aristides.....	146
39. A inevitável cicatriz.....	150
40. O Domingo de Ramos e o caminhar das palavras.....	154
41. O alfabetizador de sentimentos.....	157
42. Pai, ensina-me a escrever.....	160
43. A flor aprendendo o sol	164
44. Mãe, uma palavra, um poema, uma oração	168
45. O que o fogo silenciou	171
46. As atitudes de Generosa.....	174
47. O cair das pétalas.....	177
48. Cozinhando palavras, alimentando sonhos.....	180

49. O selo da paz	183
50. O mundo im(próprio) de Alceu.....	186
51. Apetite de amanhã	190
52. A conferência da saudade.....	193
53. O poder das vozes.....	197
54. Minha tia e seu último cantar	201
55. Os passos da consciência.....	204
56. A dança das mãos	207
57. Pai	211
58. Um sorriso de luz	213
59. Oração do caminhante.....	217
60. Por que tanta pressa?	220
61. Grávidos de esperança.....	224
62. Algum olhar sobre algum olhar	228
63. A morte de Alma.....	232
64. Cemitério de ideias	235
65. Amanheceu Joana	238
66. No Campo da Esperança.....	242
67. Desamar.....	246
68. A acinzentada alegria.....	250
69. O dizer das vozes.....	254
70. O público e o quarto.....	258
71. O silêncio das pedras.....	261
72. O sagrado da cruz.....	264
73. Deixar partir.....	268

Amostra

O orfanato das palavras

1



Sonhei um sonho. Era uma cidade parecida com a cidade da minha infância. Encostada em duas grandes serras, a cidade vivia com seus rios, suas plantações, sua natureza – ainda preservada –, sua gente.

As ruas estreitas exigem alguma proximidade. Em cidades pequenas, é incomum o não-olhar, o não-cumprimentar, o não-dizer. Nas memórias que desenham vida em mim, há muito do que foi dito das palavras, das palavras nascidas depois dos silêncios. É o silêncio que dá profundidade às palavras. Como nos rios. Há mais do que as superfícies.

Sempre gostei de sentar e ouvir as palavras de pessoas que já haviam vivido muito. Palavras ensinadoras. Palavras arrumadas pelo tempo para caírem mais leves e florescerem.

Coleciono palavras daqueles dias. Algumas poucas gentes usam; já, na época, não usavam, só os velhos. Foram fortes antes. Ainda são fortes em mim. Fortes ao ponto de me fazerem lembrar as pessoas que as pronunciavam.

Os mais velhos me ensinaram o não-fazer. Nem sempre é necessário fazer. O fazer pode ser marcha, pode ser bando, pode ser máquina. O ser humano é mais. O ser humano é natureza. É rio, também, e é serra. É até pedra. Pedra e os seus caminhos. Caminhar sem pressa é como dançar. É permitir que o ver nos faça fazer parte. Eu via o que voava e o que acarinhava nos ninhos preparando o voo. Eu via o que cuidava da cria e via o que corria assustado com os barulhos humanos.

No meu sonho, entretanto, essa paz não havia. Havia um dizer repetido das mesmas palavras. Como se não houvesse outras. Como se faltassem. No meu sonho, havia uma placa que explicava “orfanato das palavras”. Estavam lá sem conviver com as famílias, perdidas de dizeres. Sem dizeres, não há sentimentos. As palavras explicam os sentimentos. As palavras brotam os sentimentos.

No meu sonho, o que um dizia, o outro imitava. O que um andava, o outro andava. O que um parava, o outro parava. Era um copiando do outro e era um não-sendo um com o outro. Não surgia nenhum “nós”. E, quando não surge o “nós”, o “eu” imerge. Esconde-se até de si mesmo.

Os velhos que eu gostava de ouvir não eram assim. Havia uma escritora que escrevia tão honestamente que, quando eu via os seus dedos dizendo os sentimentos, na velha máquina de datilografia, eu a

imaginava desaparecida para as coisas do dia e eternizada nas palavras que ali nasciam.

Para que se preocupar com o que passa? Tudo passa. Para que se preocupar? O que deve nos ocupar é a poesia. A poesia das infâncias é o brincar. Sem obrigações com as vitórias, a não ser quando os adultos erram e exigem o desnecessário. A poesia do velho é o lembrar que o desimportante passa. A poesia dos amantes é desligar os barulhos dos medos e das cobranças e das sabotagens e amar. A poesia dos trabalhadores é trabalhar como trabalha a natureza, é acreditar na harmonia do fazer com o ser. O mais importante é o ser. O ser que pode, inclusive, não fazer.

No sonho ruim, os sorrisos eram iguais. Não, não eram sorrisos, eram expressões fabricadas para agradar. Ah, tão diferente dos sorrisos da minha infância, da liberdade de não precisar dizer nada, da liberdade.

Acordei cansado. Abri a janela e vi o sol dizendo. Ouvi passarinhos também dizendo. Ouvi minha memória concordando. Se eu entrasse nesse orfanato das palavras, adotaria muitas delas. A palavra amor e a palavra amar. A palavra irmandade. A palavra silêncio. A palavra paciência. A palavra aceitação. A palavra paz. A palavra sagrado.

Como viver sem o sagrado?! Se o sonho sonhado dormindo não foi bom, foi bom para lembrar que posso adotar palavras e posturas que embelezam o mundo, que relembram os mundos da minha infância,

onde os velhos diziam sabedorias, mesmo quando não diziam.

Também tive uma máquina de escrever. Também tive pressa e, também, desperdicei vidas aguardando. Guardo os erros e busco o certo – que mora além e que mora dentro.

Tomo água e relembro que as fontes são limpas. É só não sujar.

Amostra

O silêncio das vozes

2



Caminho no silêncio, no silêncio das vozes. Caminho por paralelepípedos velhos pisados por velhas histórias que passaram. Ouço as vozes das árvores - árvores que, há muito, guardam segredos. Árvores que aguardam chuvas, que aguardam amanheceres, que aguardam silêncios. Sem sobressaltos. Apenas com compreensões. O tempo de cada tempo. O mar é movimento na pequena cidade. O dia, no tempo em que as vozes dormem, é calmo. Não há brigas. Não há barulhos poluidores de paz. Deixei a grande cidade e vim morar no silêncio. Deixei a dor da traição e vim, atraído por uma paz em promessa de nascimento. Vi, ontem, na caminhada que faço, quando as vozes dormem, um quebrar de ovo de um pássaro explicador de liberdades. O belo e o misterioso do sussurrar da natureza.

Na cidade grande, fui deixado por um amor que deixou dores profundas. As dores perturbaram minha voz que dizia nada, quando dizer era preciso. Principalmente, para mim. Vi os dois, enquanto

éramos ainda. Não sei quem inventou a traição. Ou quem inventou que um é de apenas um. Ou quem inventou que é preciso vasculhar o mundo até encontrar o amor único da única vida. Sei nada de teorias que escrevem o que dói e o que não dói na parte de nós que, a apenas nós, é dado perscrutar.

No abandono, os abandonos da infância. Quando vi, acabei por ouvir. Ouvi um “eu ia te dizer” e um “foi bom.” “Foi bom?” Bom era ter continuado. Bom era envelhecer sem sobressaltos. “Foi bom” foi o ponto que finalizou o que era a promessa de um amor sem fim. Acabei em silêncio diante do amor andando sem mim nas ruas grandes da grande cidade.

Vim para a pequena cidade, vim andar para ser grande. Vim para deixar as pequenezas que faziam um desacordar no meio das noites. Noites de suor e de lembranças. Noites de filmes de cenas rodadas em outra história. Eram os dois e os seus ditos que me diziam as dores.

Parti. Eu sei que o tempo me acalmaria mesmo lá, mas quis viver um outro tempo, aqui. Aqui onde o mar canta o infinito. Aqui onde há calmarias tão necessárias. Onde, aos poucos, fui conhecendo nomes e vencendo lembranças de nomes que doeram.

Abri uma pequena livraria e um clube de conversas sobre histórias. Histórias escritas em livros. Histórias inspiradas em vidas que caminham em grandes ou pequenas cidades. Ao lado, um café. Ao lado, uma escola

de música onde as vozes vazam as paredes e agradam as vizinhanças. Ao clube de histórias, vêm o padre e o pastor. Jovens, os dois. Amigos. O mar que banha a vista da igreja de um, também banha a vista da igreja do outro. E, também, o luar.

O luar daqui é mais meu do que o luar de onde eu vivia. É o que sinto. Como sinto a cidade inteira minha, enquanto as vozes dormem. O silêncio de fora é mais fácil de ser conquistado do que o silêncio de dentro. Nas noites de dor, em que as vozes falavam em mim o amor doido, não havia silêncio. Eu dialogava diálogos imaginários. Para quando nos encontrássemos, para quando o destino arrumasse os desarrumos. Desarrumado estava eu, tão necessitado do que não era eu.

Gosto desse caminhar em jejum. Os passos me levam sem pesos. O vento daqui é ar em movimento leve. Vejo um primeiro abrir de janelas, é dona Maria de Fátima, a quituteira. Sorrimos um ao outro. Bonita a profissão de adoçar a vida. Ela promete que vai ao clube e que já terminou de ler o conto de Lygia. O conto sem final feliz de um amor que ficou deixado em um cemitério.

O cemitério da pequena cidade é pequeno. Os mortos daqui são silenciosos. Os de lá, também. Nos cemitérios, não há diferença. Talvez as árvores saibam disso; por isso, a calma.

Caminho no silêncio, no silêncio das vozes. Caminho no silêncio e agradeço. Agradeço o tempo que passou e o tempo que ainda tenho. paro diante do mar e respiro e, respirando, sinto Deus. Deus é grande demais para ser entendido. Respirando, sinto a natureza inteira, presente de Deus. A minha vida, presente de Deus. O amanhecer do dia, presente de Deus.

No silêncio das vozes, a presença de Deus. E sou capaz de sorrir. De sorrir sem testemunhas, a não ser a lua. Lua nova que ainda não se foi, pelo menos na pequena cidade onde o mar grande faz, em mim, os seus silenciosos barulhos.

E, de novo, São João

3



A casa dos meus sonhos nunca quis morar sozinha. Eu, desde menina, sonhei família.

Diferente da minha. Minha mãe foi autorizando um cansaço que aparentava uma idade que não tinha. Meu pai despertava em mim sentimentos dúbios. Nenhuma filha gosta de ver a mãe sendo soterrada de seus sonhos por homem perverso. Os ditos de desrespeito conferiam a ele risadas de amigos gordos de preconceito e silêncio na mulher que, ainda assim, o amava.

Eu sonhava com um outro homem para viver a vida. O sonho é, também, um ensinador de realidades. E foi em uma festa de São João. Eu nunca havia namorado. E já era mulher de ter desejos. O frio combinava com a fogueira que esquentava de alegria as nossas vidas naquele interior de antigamente. Brincadeiras simples eram suficientes. As pescarias, o correio-elegante, as argolas, a corrida de saco, a cadeia. Foi assim que me prendi.

Daniel cortava os pedaços do bolo de milho e alimentava o seu avô. Um jovem lindo distribuindo lindezas para um senhor sentado em uma cadeira de rodas. Nos vimos. Desviei o olhar. Ele veio em minha direção. Eu estava com Juliana, minha prima, mais atribuída do que eu na tarefa da sedução. Ela disse que queria aquele homem. Eu disse nada. Ele se aproximou e cumprimentou as duas. Mas foi em mim que ele parou. Foi em mim que ele parou a procura. Foi em mim que ele contou, de uma outra maneira, a história da sua vida.

O avô de Daniel morreu pouco depois do nosso casamento. E exigiu que nos casássemos em uma festa de São João. Três anos depois do primeiro olhar. E assim foi feito.

O nosso namoro foi um namoro respeitador das minhas crenças. Os exageros do meu pai ao contar o que fazia com as mulheres me preenchiam de medo. A doçura de Daniel foi limpando essas imprecisões de mim. Os homens não são todos iguais.

Um dia, minha mãe, depois de mais uma sequência de palavras ditas com desnecessidade pelo meu pai, olhou envergonhada para mim e disse, “Filha, já não tenho medo de sofrer, tenho medo de desaprender o sorriso”. E ela nunca mais sorriu, até o dia em que descansou no cemitério que fica no alto do interior que nascemos. Nunca entendi por que ela não o deixou, nunca entendi a sua entrega, seu silêncio doído e sujo.

A beleza foi se despedindo apressada. E meu pai chorou no sepultamento da mulher que sepultara antes.

Os dias vão trazendo novidades e empurrando disabores. Sou das que dão espaço para outro pensar. Deixei de querer entender minha mãe e decidi construir minha casa – a que, quando menina, já era sonhada. Sem agressões, sem piadas, sem desrespeitos.

Daniel foi vasculhando meu interior com poesia. Foi paciente na primeira noite. Meu medo era paralisador. “Calma, meu amor, eu não sou seu pai.” Foi a única vez que ele se permitiu me permitir a expulsar o que me expulsava de mim. As noites depois do medo foram lindas. E eu fui conhecendo o prazer no amor.

Os nossos filhos vieram, três. A nossa casa foi crescendo. E, sem querer construir um imaginário impossível, posso garantir que nunca houve desrespeito entre nós. As incertezas foram atropeladas por delicadas surpresas de um homem romântico. Até que, um dia, um câncer enlutou os meus dias. O médico anunciou seis meses de vida. E eu me vesti de uma dor disfarçada de palavras de entusiasmo.

Daniel, inventador de futuros, desmentiu o médico, enquanto voltávamos para casa, “Meu amor, ele está errado, eu vou viver muito ainda, com você.” E, naquele dia, fizemos amor como se as notícias tivessem sido boas.

Vou economizar nas explicações de cirurgias e tratamentos. Já faz vinte anos do dia em que ele teria

seis meses. E ontem, no dia de São João, completamos trinta anos de casados.

Faltam linhas e sobram palavras para dizer o que sentimos, quando dançamos a dança dos noivos. Ele me disse, enquanto beijava de beijos bons o meu rosto, o meu pescoço, a minha boca, “Meu amor, eu nunca quis ficar sozinho de você.”

Enquanto eu sorria o sorriso da gratidão, olhava a fogueira enchendo de calor e de esperança a vida. Eu via as crianças brincando, sem celulares ou computadores, e filosofava, é preciso tão pouco para o comparecimento da felicidade.

O que sei é que as emoções nos dão tamanho. Minha amada mãe foi diminuindo com um morto que a matava antes da morte. E eu fui crescendo com a solenidade do amor. Cada dia ao lado do meu amor é um dia extraordinário. Agora, deixa eu deixar os pensamentos quietinhos e apenas sentir a dança de ontem que ainda dança em mim.

Obrigada, São João.

Quando as palavras falham

4

Parece que foi ontem. Parece que foi ontem que ele atropelou minhas palavras e levou meu silêncio.

Eu soube da traição. Tentei não saber, mas soube. Ele soube que eu soube. E desdisse o que primeiro disse prometendo um outro futuro. Eu disse nada. Queria ter dito, mas disse nada.

Pensei nos dias sem ele e antecipei a dor. Pensei que temer a dor não era inteligente. Pensei que, se quisesse prosseguir, precisaria insistir. Ele não insistiu. Disse que o meu silêncio era violento. Disse que vivia de cansaços e que eu me arrependeria. E foi assim que a porta se abriu, e foi assim que a porta se fechou.

A primeira noite sem ele foi a explicação de que a alegria se fora apressada. Os esquecidos dele na casa e em mim doíam.

Amigos disseram que o mundo tem gente demais para chateações com um só. Que basta olhar pela janela e escolher outro.

Na janela dos meus sentimentos, eu só avistava ele. Sei que o mundo é povoado. Sei que, depois de um, pode vir outro. Mas por quê? Por que não ele? Porque me traiu! Os compridos diálogos imaginários eram cheios de palavras, mas, diante dele, elas falhavam.

Decorridas poucas semanas da porta aberta, da porta fechada, nos vimos. Ele entregou doçura e falou da saudade. Eu quis dizer que a porta poderia ser aberta. Que a cama poderia ser ocupada. Que o passado não precisava ser desfeito. Ele disse sobre tentarmos novamente. Eu disse 'sim' nos pensamentos e 'não' nas palavras. Por orgulho, talvez. Por teimosia. Por querer que ele insistisse mais, que implorasse, que dissesse não viver sem mim. Não sei o que eu queria, só sei que disse o que não sentia. E falei da pressa de ter de ir. Pressa do quê? Inventei.

A manhã daquele dia que nos vimos, depois de tanto dia desejar, foi logo noite. Ensaiei o que diria da próxima vez. Está bem. Vamos tentar novamente. Mas quando seria a próxima vez? Por que eu não poderia procurar e dizer que estava aceito o convite para voltar a sermos? Porque eu não traí. Quem trai tem que rastejar. Por que quem trai tem que rastejar? Porque sim. Porque sim era sempre uma resposta econômica que eu dizia, quando não queria mais dizer.

A outra vez que nos vimos, ele já estava ocupado. A dor foi uma matemática de somas de lembranças e de

subtrações de futuros. Nunca mais seríamos. Nunca mais seríamos, porque não fiz as contas de que, apesar da traição, era com ele que eu acordava feliz.

A fria cidade em um dia quente dizia que eu errei. E que, agora, a certidão de posse já havia sido transferida. Ele, acompanhado, olhou nos meus olhos e pareceu ainda aceitar alguma palavra minha. E o meu orgulho? Como dizer limpando o orgulho das palavras? Disse para mim que as pessoas erram e disse, depois, que quem erra pede perdão e disse, depois, que ele pediu perdão e disse, depois, que ele não disse o suficiente para mostrar arrependimentos e disse, depois, a tristeza.

Não, não existe amor único e não existe dor que se prolongue além do necessário. De janela aberta, um dia, hei de encontrar. Por que encontrar se já encontrei? Já está ocupado. Será? E se eu disser que aceito? E se eu disser, e ele disser que agora já não mais quer? Um dia, ele jurou amor sem fim. Um dia, ele me traiu. Quem ama trai? Quem ama perdoa? Quem trai pode deixar de trair? No dia da porta aberta e da porta fechada, seu rosto escreveu sinceridades. A porta aberta iluminava tudo. Quando a porta fechou, fez escuro em mim.

Quando as palavras falham, os dias tomam outros caminhos. Um dos seus últimos ditos foi: “Eu sou homem, não sou máquina, homens erram.” E chorou.

Eu não chorei. Chorei depois. Depois da porta fechada. Depois de entregar à teimosia o troféu da vitória.

Parece que foi ontem e eu ainda o vejo na janela em que passa um depois do outro.

Aos que gostam de dizer que há muita gente no mundo, digo, um amor é o mundo inteiro em nós dois.

Amostra

Um dia de sol

5



Antes de hoje, era este o meu texto: acordei sem acordar. Trouxe, para o dia amanhecendo, os dias que se findaram. Não soube trocar de roupa, nem de desejo. Fui triste para a noite e incompreendi a pausa. Não houve. Não sei quanto de mim restou dos dias de pensamentos não pensados.

Houve um silêncio quando ele se foi. E, depois, barulho e mais barulho em mim. Fui trocada por uma mulher com a metade da minha idade. Ele mentiu quando perguntei. Mentiu algumas outras vezes até que se vestiu de coragem e partiu.

Eu não sou a única mulher no mundo a sofrer a dor da rejeição. O nome da minha irmã, Ângela, era o nome de uma amante de meu pai. Minha mãe dizia que, na época, não sabia. Tenho dúvidas. Eram outros tempos. Todos se foram. Minha irmã, quando soube, quis mudar de nome. Desistiu. Inventou para si mesma que foi uma homenagem à cantora que cantava lindamente. E acrescentou Maria para confirmar a

informação. Inventamos passados para prosseguir vivendo durante o dia.

Saí da cama e tentei lavar o que, há tempos, permanecia. Hoje, abri a janela e um vento bonito sussurrou delicadezas em mim. Desacostumei de perceber o jardim que se avista do meu quarto. Parei em silêncio e um som leve de uma natureza leve desmentiu o peso que me frequentou desde que soube que havia outra.

Quem inventou que sem o outro não vivemos? Quem escreveu que a vida depende de um romantismo sem fim? Ele foi romântico nos inícios. Há muito éramos nada. E, mesmo assim, doeu. Talvez pelo costume. Talvez pela sensação de ser trocada. Talvez pela velhice batendo à porta e dizendo que será difícil dançar novamente acompanhada. Nem dançar dançávamos.

Quem entende o martelo de invencionices que nos atormenta a mente? Menti para mim mesma chorando por ele. Inventei um companheiro que não me acompanhava. Deixa eu parar de dizer dele. O jardim que, novamente, vejo é bonito demais para não amanhecer. E há sol. E há, surpreendentemente, uma vontade criança de sair.

O sol aquece as ruas e ilumina futuros. Nas ruas ensolaradas, frequentam histórias que podem se casar com as nossas. Não falo de um encontro romântico hoje. Até pode ser. Falo de encontros com vidas que andam calçadas, que sentam nos bancos das praças,

que veem filmes nos cinemas, que pedem informações. Vidas que demitem a solidão.

Sou das conversas, sempre fui. Minha irmã dizia que eu fazia amizade até em fila de pão. E não é bom? Sentir o cheiro da arte do padeiro e conversar. E saber que, depois, seriam o café e a manteiga deslizando no que daria sabor. A vida é saborosa, principalmente em dia de sol. Que me perdoe a chuva, o que seríamos de nós sem a chuva? Nem seríamos. Mas hoje é dia de sol, também dentro de mim. Não, a velhice não está batendo à minha porta. É preciso que eu desminta para não acreditar, para não fechar as janelas em um dia de sol.

O espelho já me diz outro sentimento. Depois do banho, olho para mim e gosto. Passei dias encontrando defeitos que o tempo foi deixando em mim. Bobagem. Sou uma mulher bonita, sim. Vou cortar um pouco o cabelo e tingir as raízes, mal nenhum há em cuidar. Vou voltar às aulas de dança. Sempre gostei. Vou aceitar o convite do Gustavo, por que não? Sempre tão gentil comigo. E vou sem pressa. Quero ver com a Tânia o pintor que pintou a casa dela. Mudar um pouco. Tem uma poltrona que vi há tempos e gostei. Vou comprar. É de um vermelho que vai combinar com um lado preto e cinza da sala. Vou comprar uns livros novos. Sempre gostei de ler avistando o jardim bonito de onde moro. Vou pensar em alguma viagem. Curta que seja. Para ver os jardins de outros lugares.